

ENTREVISTA

ESTUDOS VIKINGS

Realizada por Johnni Langer com o professor Neil Price,
Chefe de Departamento, Universidade de Aberdeen, Escócia.
neil.price@abdn.ac.uk

Principais estudos publicados:

- *The Vikings in Brittany*. Viking Society for Northern Research, London, 1989 (reimpresso 2001).
- *Cultural Atlas of the Viking World*. Andromeda, Oxford, 1994. Publicado também em dez edições estrangeiras. [Com C. Batey, H. Clarke & R.I. Page, ed. J. Graham-Campbell]
- (ed.). *Gamla Uppsala: ett förslag*. Arkeologikonsult AB, Upplands Väsby, 1994.
- (ed.). *The archaeology of shamanism*. Routledge, London and New York, 2001.
- *The Viking way: religion and war in late Iron Age Scandinavia*. Uppsala University Press, Uppsala, 2002 (reimpresso 2003). Uma segunda edição revista e atualizada aparecerá pela Oxbow Books em 2012.
- [Ed. com S. Brink.] *The Viking world*. Routledge, London and New York, 2008.

Johnni Langer (JL): *Um de seus atuais projetos de pesquisa (“Viking Piracy: Maritime Social Order in the Scandinavian Hydrarchy”) reexamina o estereótipo do viking, indo além de seu caráter de pirata e o atrelando a um modo de vida, da economia e do pensamento do período. Efetivamente, como a noção de hidrarquia e a comparação com os piratas pós-medievais do Caribe pode auxiliar a entender o significado do viking para o século IX?*

Neil Price (NP): Para mim, os modelos das sociedades piratas atualmente em discussão em relação ao início do período moderno proporcionam um meio de atrelar o que vejo como um dos grandes enigmas dos estudos vikings, a saber, o que está acontecendo nas

primeiras décadas do século IX. O alegado início da Era Viking tem sido frequentemente transformado num drama bem maior do que penso que realmente foi – todos os argumentos formulados para ‘explicar’ o que ‘causou’ a expansão dos Escandinavos – quando, de fato, eu realmente não acho difícil compreender o oportunismo bastante básico que provavelmente permanece por trás das primeiras incursões. O problema verdadeiro é explicar como alguns carregamentos de Vikings deixando o mosteiro ocasional em intervalos de vários anos, apenas algumas décadas mais tarde, se transformam em esquadras de centenas de navios e milhares de homens. O que está acontecendo? Minha abordagem aqui é discutir forças tais como o Grande Exército dos Daneses na Inglaterra, e os três exércitos continentais baseados no Somme, Sena e Loire, como formas de governo em razão de seus direitos. A noção de hidrarquia – termo do século XVIII que descreve a estrutura dispersa do poder das comunidades piratas – realmente se encaixa bem. Trata-se de um projeto bastante ambicioso envolvendo muitos outros especialistas e vários subprojetos (estamos considerando a pirataria em outros tempos e lugares também, incluindo o Extremo Oriente), mas acho que tem um verdadeiro potencial. Dentre de três anos, lhe informarei se funciona!

JL: *Em suas pesquisas arqueológicas em sítios cerimoniais da área Sámi (norte da Finlândia), foram encontrados diversos tipos de monumentos, como cairns (montes de pedra sobre túmulos ou marcos), construções mortuárias e espirais de terra. Alguns registros etnográficos e históricos apontam o uso lapão de muitos tipos de plataformas, como o registrado por Rheen no século XVII. Em comparação com a área escandinava, você acredita que as sociedades da Era Viking tiveram esse nível de interferência religiosa na paisagem?*

NP: Se você tivesse me feito essa pergunta há cinco anos, eu teria dito “não”, mas agora não me sinto tão seguro. Arqueólogos de salvamento que atuam por toda Escandinávia têm descoberto cada vez mais sítios com construções que parecem possuir implicações cúlticas, com indício de sacrifícios e outras atividades relacionadas ao sobrenatural. Incluem ‘santuários’ (nossa terminologia é bastante inadequada aqui) tais como Lunda, Ullevi, Götavi e Borg, e edificações da maior relevância como Uppåkra e Tissø. Dito isto, a arqueologia dos lugares naturais – arvoredos, cursos de água, campinas etc. – também está progredindo. Embora tenha surgido em meados dos anos 80, a árvore de Frösö¹ ainda não foi adequadamente assimilada em nossa compreensão do culto da Era Viking. Uma coisa que acredito estar clara é que os Escandinavos tinham uma maneira bem mais transformativa de lidar com a paisagem do que os Sámi. No relato de Ohthere sobre a vida no extremo norte da Noruega, ele explicitamente afirma que se pode distinguir as terras dos Sámi pelo fato de que elas parecem inabitadas – em outras palavras, eles vivem na paisagem e não sobre ela.

JL: *Juntamente com Magnus Alkarp, você está realizando um atlas arqueológico do sítio de Uppsala, na Suécia, que supostamente conteve o mais famoso templo da Era Viking, devido à descrição de Adam de Bremen. Atualmente as pesquisas indicam a existência de alguma estrutura especializada em atividades religiosas na área nórdica, semelhante a Yeavinger na Inglaterra anglo-saxônica? Ou todas as descrições de templos da literatura são fantasias cristãs (como pensam alguns pesquisadores)?*

NP: Isso se relaciona um pouco com a pergunta anterior, mas acho que parece, cada vez com mais probabilidade, que os ‘templos’ descritos pelos clérigos tais como Adam de Bremen são de fato os grandes saguões dos chefes de tribo, com funções celtas ao lado de outras. A articulação do poder sobrenatural pode não ter sido manifestamente distinguida da prática da autoridade secular. O magnífico saguão de Hofstaðir² na Islândia, publicado recentemente com os resultados das novas escavações, é um exemplo disso. Entretanto, temos também estruturas enigmáticas tais como ‘o edifício de culto’ (ou o que quer que seja) em Uppåkra, com séculos de existência estendendo-se até a Era Viking. Encontramos também ‘capelas’ pré-cristãs efetivamente privadas em sítios tais como Tissø, que parecem ser lugares de atividade celta ligados a poderosos proprietários de terra. A variação evidente do pensamento viking e a prática que dele provém, sobre espaço e tempo, é algo que deveríamos acolher em vez de tentar ajustá-lo a um modelo universalizante que provavelmente jamais existiu.

JL: *Em termos gerais, quais as mudanças conceituais e metodológicas que diferencia a “Nova” Arqueologia Viking da tradicional, iniciada durante o século XIX?*

NP: A variação que mencionei acima é um elemento chave, imagino, e esperaria também receptividade a interpretações pluralísticas que é provavelmente um legado da demolição pós-moderna da objetividade nos debates teóricos dos anos 80 e 90. A Era Viking é agora vista como incrivelmente complexa, e uma visão universal da mesma simplesmente não funciona mais. Não menos importante, as origens e os fins do período – os divisores artificiais que inserimos na história – são bem diferentes dependendo do ângulo que se olha. Os estudos de gênero estão dizendo coisas muito excitantes acerca dos Vikings, e em geral a dimensão cognitiva da vida está sendo levada mais a sério – embora para os que conhecem meu trabalho, eu diria isso, não diria? Acima de tudo, penso que estamos examinando o período viking de maneira mais abrangente: para compreender isso você realmente tem que remontar pelo menos à Idade do Ferro romana, e seu eco continua até os tempos medievais. Nossas defesas de fronteiras disciplinares estão também se reduzindo, o que é uma boa coisa. Estou bem mais interessado na qualidade e conteúdo do que as pessoas têm a dizer do que no seu alegado direito de tecer comentários sobre um conjunto particular de dados de acordo com seu treinamento formal. As faculdades críticas ainda se aplicam, naturalmente, mas a Era Viking é um espaço amplo e existe lugar para uma variedade maciça de pontos de vista a seu respeito.

JL: *Vários de seus estudos, incluindo o livro “The viking way: religion and war in Late Iron Age Scandinavia” (2002), examinam a influência do xamanismo lapônico na área escandinava, recorrendo a diversas sagas islandesas. Mas de um lado totalmente oposto a esta tendência de utilizar as fontes literárias como recurso etnográfico, diversos pesquisadores estão apontando as citações sobre magia nas sagas como produtos de ficção do período cristão – Jóhanna Fridriksdóttir, “Women’s weapons” (2009); François-Xavier Dillman, “Les magiciens dans l’Islande ancienne” (2006); Clive Tooley, “Volsa þátr” (2009), entre outros. Como você percebe essa posição? Estes acadêmicos não estariam percebendo a literatura em uma posição unilateral, não*

atentando para conexões dela com outros aspectos da sociedade, como a cultura material? Em seu livro “Shamanism in Norse Myth and Magic” (2009), Clive Tooley afirma que as suas interpretações sobre artefatos arqueológicos como mágicos são “especulativas” (p. 539). Isso não seria um reflexo da ausência de maiores conexões culturais por parte da concepção de Tooley?

NP: Bem, acho que minhas publicações deixam claro que não concordo com Clive nesse ponto, nem com outros que tomam uma perspectiva semelhantemente hipercética sobre os textos. Penso, de uma maneira um tanto desconcertante, tratar-se de fato de uma escolha crítica, e há uma visão da literatura medieval que aparentemente se recusa até mesmo a permitir a possibilidade de que seus autores possam simplesmente ter tencionado o que escreveram (o que não quer dizer que estivessem certos, naturalmente). Isso não é nem ingênuo nem generalizante, e é óbvio que todo texto precisa ser de fonte criticamente avaliada. Os volumes recentes de Dillmann e Tolley em particular são realizações monumentais – obras magníficas de erudição que suportarão a prova do tempo bem melhor do que meus próprios livros. Eles exploraram em detalhe sem precedente as fontes medievais que pretendem descrever a magia da Era Viking, com uma sensibilidade crítica que não acho que será superada. O problema é antes de perspectiva, porquanto nem Dillmann nem Tolley (nem muitos de seus colegas de ideias semelhantes) jamais esclareceram realmente o que eles estão de fato discutindo. Percebo que isso parece estranho, mas a questão é se eles estão analisando primariamente um discurso medieval sobre o passado, através de uma vasta variedade de textos de diferentes épocas e lugares (com todo conjunto de crítica de fontes que isso requer), ou se estão interessados no que as pessoas estavam de fato pensando e fazendo na Era Viking. Se o foco é a Era Viking de preferência à idéia medieval que se tem dela, então a arqueologia é absoluta e perfeitamente crucial – e há *bastante* disso. Em especial, precisa haver maior compreensão de que os textos são em si mesmos produtos materiais e culturais, e isso muda a maneira de como lidamos com eles. Nestas circunstâncias, um profundo engajamento com a cultura material do xamanismo circumpolar é também um pré-requisito aqui. Essa é uma longa resposta sobre um assunto que obviamente me provoca, mas na verdade acho que a importância que atribuímos ao papel social da magia e seus análogos na Era Viking – como um meio crucial de comunicação com o Outro – só aumentará na proporção que a estudamos.

JL: *Na sua conferência “An eye for Óðinn? Border-crossing in the war gear of the later Scandinavian Iron Age” (Interdisciplinary Conference on Nordic Mythology, University of Iceland, 2010), você analisou a representação dos olhos e do olhar na cultura material da guerra, demonstrando uma associação cultural do deus Odin com os líderes do período (séc. VI-VII). Mas, ao analisarmos outras imagens do deus Odin, como as estelas de Gotland, a imagem do olho parece ter diminuído de importância visual na Era Viking, ficando relegada à tradição oral e as Eddas, enquanto que a representação do olho de Thor aumenta de importância nos pingentes de martelo do século X, como o de Skane, Odeshog e Bredsatra. Como você percebe essa questão?*

NP: Estou desenvolvendo isso para uma publicação, na verdade. Acho que a ligação com Odin seja mais importante antes da Era Viking, como efetivamente um tipo de benfeitor para a nova classe de elite de guerreiros que surge durante o século VI. Vários

especialistas têm escrito sobre isso – Lotte Hedeager e Frands Herschend especialmente surgem na mente – e eu acho que sua sugestão de uma nova ideologia militar e religiosa de realeza divinamente sancionada bastante convincente, essencialmente um tipo de encobrimento sobrenatural de uma realidade de poder bem brutal. Odin se transforma através do tempo como todos os outros deuses, e como se sabe ele é particularmente importante num contexto mágico. Ele possui muitas, muitas faces diferentes e a maioria delas ainda nem começamos a explorar – dê só uma olhada nos seus mais 200 nomes e especule sobre o que alguns desses nomes poderiam significar. Eu tenho uma opinião sobre o olho de Thor, para ser honesto, mas sua popularidade como um deus das pessoas comuns parece indisputada e por essa razão somente ele contrasta fortemente com Odin. Entretanto, de modo geral acho que devemos resistir a fazer as divindades nórdicas deuses *das* coisas; todas elas têm numerosas facetas e qualidades. Há muitos deuses da guerra, por exemplo, mas cada um a seu modo. Também acredito que frequentemente damos excessiva importância aos deuses e não o suficiente à população invisível dos seres sobrenaturais com os quais as pessoas ‘medianas’ da Era Viking provavelmente acreditavam interagir mais assiduamente.

JL: *O seu livro “The viking World” (2008, organizado em conjunto com Stefan Brink) é uma das maiores e mais atualizadas coletâneas de estudos sobre a Era Viking, reunindo grandes especialistas que abordam desde aspectos da cultura material até as fontes literárias, passando pelo início da colonização nórdica até o estabelecimento dos reinos unificados. Quais são as “últimas fronteiras”, ou em outras palavras, as áreas mais promissoras para os futuros estudos Vikings?*

NP: Existem muitas, e você sabe que não estou particularmente interessado no pensamento viking em todos os seus aspectos. Acho que é uma fronteira que se expandirá dramaticamente ao longo dos próximos anos, mas se me for permitida uma previsão ela se concentraria em algo que raramente tenho discutido em publicações: os Khazars. Mesmo após mais de 20 anos da queda do Muro, a Era Viking no Ocidente mal começou a se abrir para a ciência internacional. Tenho plena certeza de que descobriremos uma diáspora viking que se estendeu para bem mais além no oriente do que sabemos com relação ao ocidente, com até mesmo uma maior abrangência de interações culturais, sociais e ideológicas. Os Khazars são justamente a ponta de um iceberg aqui, mas suas relações com os Escandinavos eram amplas e penso em tocar em todas as coisas que discutimos aqui e muito mais. Os contatos do norte com o Islã ocupam outra área que estamos apenas começando a explorar. Não escreverei esses livros, mas não posso esperar para lê-los.

Bibliografia

- FRÍÐKSDÓTTIR, Jóhanna Katrín. Women’s weapon: a re-evaluation of magic in the Íslendigasögur. *Scandinavian Studies* 4(81), 2009, p. 409-436.
- PRICE, Neil. *The Viking way: religion and war in Late Iron Age Scandinavia*. Uppsala University Press, 2002.
- PRICE, Neil & BRINK, S. (eds.). *The Viking world* London and New York: Routledge, 2008.

TOLLEY, Clive. Volsa þátrr: pagan lore or Christian lie? *Analecta Septentrionalia*, Papers on the History of the North Germanic Culture and Literature. Berlin: Walter de Gruyter, 2009, p. 689-700.

_____. *Shamanism in the Norse myth and magic*. Helsinki: Academia Scientaum Fennica, 2009.

NOTAS DO ENTREVISTADOR

¹ **Árvore de Frösö:** trata-se de "Frösöstenen", a pedra rúnica mais setentrional do mundo, que data do século XI d. C., localizada em **Frösön**, uma pequena ilha no lago de Storsjön a oeste da cidade de Östersund em Jämtland (região central da atual Suécia). A ilha foi assim denominada em homenagem a Freyr, deus nórdico da fertilidade e do amor.

² **Hofstaðir:** é o nome de um assentamento viking localizado a noroeste da Islândia, onde achados arqueológicos revelam, entre outras coisas, a existência de um templo pagão.